



## Teatro O Senhor Pina

A peça é uma homenagem ao jornalista e escritor Manuel Pina. Está em cena no Teatro Carlos Alberto e celebra os 40 anos do colectivo Pé de Vento, do qual Manuel Pina foi membro-fundador.



## Lançamento Mapa das Artes

Cláudio Garrudo e Ana Matos, da associação Isto não é um Cachimbo, lançaram a 3ª edição do Mapa das Artes, que reúne 105 espaços dedicados à arte contemporânea em Lisboa (mapadasartes.pt).



## Dança Rumor

A mais recente coreografia de Joana Providência sobe ao palco do Teatro Nacional São João este fim-de-semana. O espectáculo foi inspirado nos testemunhos e registos de presos políticos portugueses.

# A sátira de Karl Kraus

Karl Kraus foi, na viragem do século XIX para o XX, uma das principais vozes de Viena. A forma como via o fim do império e a maneira como criticava a política e a imprensa impressionam pela lucidez.

FERNANDO SOBRAL



**KARL KRAUS**  
Aforismos  
VS., 438 páginas, 2018

Na Viena do “fin de siècle”, a política tinha-se tornado na menos convincente das artes. Talvez por isso Karl Kraus considerava que a vida merecia uma causa melhor. Na viragem do século XIX para o XX, não eram os políticos que conquistavam a atenção das classes altas: eram os actores, os músicos, os escritores e os pintores. O Império Habsburgo desintegrava-se e os olhos postos e, para Kraus, era evidente que a vida já não imitava a arte: parodiava-a. Por isso, devastando severamente a imprensa (meio utilizado pelo poder político para se afirmar), encontrava o alvo perfeito para ilustrar a decadência reinante.

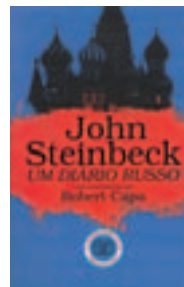
Estes notáveis “Aforismos”, agora editados entre nós, ilustram perfeitamente este estado de alma: “A missão da imprensa consiste em divulgar o espírito e, ao mesmo tempo, destruir a capacidade de assimilação”. Dizia que os jornalistas escreviam porque não tinham nada para dizer, e só tinham algo para dizer porque escreviam.

Kraus editava e escrevia grande parte do seu jornal Die Fackel e utilizava a sátira para mostrar o colapso do Império e o caminho para a guerra. E, por isso, ligava a arte da representação a tudo o que se passava no universo social ou po-

lítico. Segundo Kraus, era necessário alguma vigilância para se entender melhor a “mascarada” da vida moderna. Para o autor, o excesso de ideologias e de opiniões estava a transformar as pessoas: estas sofriam com as ideias dos outros e nunca mais recuperavam. As pessoas deixavam de ter uma ideia própria, contaminada por clamores sem fim.

O fim dos consensos era, para Kraus, o sinal de que o ideal de “mundo partilhado” estava a acabar. No seu lugar, estaria a ser imposto pela imprensa um mundo que os seus donos, os homens de negócios, desejavam. As “frases vazias” tornaram-se, a partir de certa altura, o seu maior alvo. E, por isso, os seus aforismos tentavam dar a volta a estas frases vazias, sem conteúdo. Escreve ele: “O império está edificado ao estilo das suas casas: inabitável, mas belo. Fez-se pela existência de arcadas, mas pode dizer-se com orgulho que se esqueceu das casas de banho. Somos finos: na nossa terra, é nas arcadas que cheira mal”. A sátira era por isso uma força determinante para Kraus tentar lutar contra o evoluir de tudo aquilo que via corroer a vida e a alma das pessoas.

Com o tempo e com a situação a piorar cada vez mais, Kraus acabaria por enveredar por um caminho ainda mais perigoso: o de ver os sinais do fim do mundo. Talvez por isso, se tinha amigos, Kraus também tinha muitos inimigos. Mas isso era óbvio: a provocação era o seu meio para agitar as consciências e para descrever tudo o que de mal via à sua volta, em Viena, no Império e no mundo. Até a misoginia patente nestes aforismos acaba por ser divertida, porque é antiquada e inteligente. Kraus gostava de coleccionar inimigos, a começar pelo seu país de origem, a Áustria, e isso está espelhado neste volume, que fala de política, filosofia, imprensa e do papel do artista na sociedade. São frases pequenas e cirúrgicas. E, muitas vezes, mortais. **W**



**JOHN STEINBECK**  
Um Diário Russo  
Livros do Brasil,  
237 páginas, 2018

## O outro lado da União Soviética

Este é um livro para guardar. Não apenas tem o olhar de John Steinbeck sobre a União Soviética do pós-II Guerra Mundial, como também está ilustrado com fotografias de um dos mais distintos fotógrafos do século XX, Robert Capa. Este livro é o retrato do olhar atento e lúcido de Steinbeck sobre a vida de uma sociedade que iria ficar fechada durante décadas ao Ocidente. Trata-se de um verdadeiro clássico da reportagem que merece ser lido com toda a atenção. **FS**



**BERNARDO PIRES DE LIMA**  
O lado B da Europa  
Tinta da China,  
359 páginas, 2018

## Em busca da Europa unida

Conhecido estudioso de temas internacionais, Bernardo Pires de Lima faz aqui uma vasta viagem às 28 capitais da Europa, transmitindo-nos assim um olhar extremamente rico e vasto sobre o velho continente. Num momento em que tanto se fala da ameaça do populismo e das limitações europeias pós-Brexit, este livro descreve-nos sociedades diferentes, seja em termos políticos, económicos, sociais e culturais. Uma forma de compreendermos os dilemas europeus. **FS**



**KAREN CLEVELAND**  
Tenho de Saber  
Planeta,  
293 páginas, 2018

## Mistérios no mundo da espionagem

Karen Cleveland sabe como escrever um “thriller”. E este livro é a prova disso. Descreve-nos a entrada de Vivian Miller, uma analista de contra-espionagem, num universo que julgava estar imune. Depois de criar um sistema que permite identificar agentes russos que levam uma vida normal nos EUA, acaba por ter de se confrontar com uma ameaça latente ao mundo familiar em que está habituada a viver. E assim tem pela frente uma série de dilemas a que dificilmente poderá escapar. **FS**